

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul**

Cleusa Maria Gomes Graebin<sup>1</sup>

**Resumo**

O objetivo do trabalho é analisar as festas de origem açoriana que se realizam no Rio Grande do Sul (Espírito Santo e Terno de Reis), tendo como recorte espacial a chamada Região Açoriana (municípios que receberam colonos açorianos entre os séculos XVIII e XIX). Metodologicamente, trabalha-se com abordagem interpretativa, registrando as festas, descrevendo-as e analisando-as, levando em conta o seu entendimento como processo comunicacional e como patrimônio imaterial. O roteiro de pesquisa é composto de quatro elementos: a) memória coletiva sobre as festas; b) perfil: como se desenvolve a festa em uma determinada conjuntura; c) mensagem: conteúdo da festa, sentido que ela possui no entorno social; d) mediações: relações da festa com instituições externas. São apresentadas aqui, conclusões parciais sobre a pesquisa.

**Palavras-chave:** açorianos; festas; Rio Grande do Sul.

**Abstract**

The objective of the work is to analyze the festivity of Azorean origin that takes place in the state of Rio Grande do Sul (Espírito Santo e Terno de Reis), having as space delimitation the so called Região Açoriana (towns that received Azorean colonists between the centuries of XVIII and XIX). Methodologically, the interpretative approach is used, registering the festivities, describing and analyzing them, considering it's understanding as a communicational process and as an immaterial patrimony. The research script is composed of four elements: a) collective memory about the festivities; b) profile: how the festivity develops in a certain conjuncture; c) message: content of the festivity, the meaning that it has on the social environments; d) mediations: relations of the festivity with external institutions. Here are presented partial conclusions about the research.

**Key words:** Azoreans, Festivities, Rio Grande do Sul.

**Introdução**

Pode-se observar, a partir de estudos sobre o povoamento e a colonização açoriana no Rio Grande do Sul, a riqueza das manifestações festivas sul-rio-grandenses que tiveram na sua origem, festas e celebrações trazidas pelos ilhéus. Outra constatação é a de como municípios do Rio Grande do Sul buscam desenvolver o turismo cultural, evocando, a sua

---

<sup>1</sup> Doutora em História. Professora do Curso de História do Unilasalle (Canoas, RS). Apoio: CNPq/Fapergs/Unilasalle.

açorianidade<sup>2</sup>. Em março de 1991, prefeitos de Osório, Santo Antonio da Patrulha e Tramandaí declaravam que

*os municípios do Litoral Norte, especialmente os nossos municípios, buscam garimpar suas origens, mormente as étnicas, para tentar iniciar um processo de desenvolvimento turístico igual ao que embasou a 'indústria sem chaminé' no mundo desenvolvido, que é o turismo histórico cultural. Aqui, no Litoral Norte, nasce o embrião deste qualificado projeto turístico sob o traço comum de "Região Açoriana"... (GHISLANE, 1991, p. 7).*

Não só os municípios do Litoral Norte, mas também, Santo Antônio da Patrulha, Triunfo, Rio Pardo, Porto Alegre, Gravataí, General Câmara, Mostardas têm revalorizado a cultura local, apoiando a criação de espaços de memória (salas açorianas), a produção de artesanato, manufatura, produtos gastronômicos, a realização de celebrações e festividades, construindo a expressão de uma identidade étnica açoriana.

Na década de 1980, segundo Melo e Nascimento (1996, p. 50), os habitantes de Santo Antônio da Patrulha começaram a descobrir que o seu cotidiano era impregnado por crenças e costumes trazidos pelos açorianos que ali haviam se fixado e começaram a investir na pesquisa e na divulgação das Cavalhadas, festas do Espírito Santo, culinária e artesanato. Em Mostardas, nas últimas décadas do século XX, uma antiga atividade produtiva desenvolvida por mulheres das Ilhas e suas descendentes durante os séculos XVIII e XIX — a tecelagem de ponchos e cobertores —, foi reativada, criando-se cooperativas de artesãs. Em Gravataí, depois de 40 anos, a comunidade retomou a realização de Festas do Espírito Santo, integrando-as ao calendário municipal. As apropriações feitas pelos diferentes grupos s deste repertório cultural têm influenciado a criação de atividades em diversos setores produtivos e também estão associados à consolidação de processos participativos de planejamento e gestão social e cultural que buscam o desenvolvimento dos municípios.

Partindo destas constatações, empreendeu-se pesquisa sobre as festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul. Tratam-se dos festejos relacionados à celebração do Espírito Santo (Folias, Procissões e Bandeiras) e Natal (Terno de Reis), trazidas pelos ilhéus, transplantados do Arquipélago dos Açores para o Sul da América, no século XVIII, como elementos estratégicos de um projeto de ocupação e colonização das Coroa portuguesa.

Os objetivos do trabalho são: inventariar as festas; analisar as mesmas, buscando os significados, os sentidos e as mudanças dos festejos em sua própria historicidade; contribuir, através de discussão teórico-metodológica, para o reconhecimento das festas como patrimônio imaterial; identificar os processos que configuram a identidade comunicacional das festas.

---

<sup>2</sup> O termo é usado para designar identidade cultural açoriana.

Abordam-se as festas de forma interpretativa, registrando-as, analisando-as e descrevendo-as, levando em conta o seu entendimento como processos comunicacionais e patrimônio imaterial. Para tanto, trabalha-se com o seguinte instrumento:

<b>Categorias</b>	<b>Informações</b>
<b>Localização</b>	Espaços onde a festa é realizada
<b>Marcos temporais</b>	Calendário da festa. Lugar que a festa ocupa no calendário festivo da localidade.
<b>Origem</b>	Documentação e datação histórica da festa realizada.
<b>Historicidade</b>	Significados específicos e o seu universo de sentidos ao longo do tempo.
<b>Organização</b>	Quem organiza a festa.
<b>Dimensão estética</b>	Preparação e ornamentação do espaço festivo.
<b>Ritual</b>	Descrição da festa e das atividades dos participantes
<b>Relações da festa com a mídia</b>	Vínculos estabelece com a mídia
<b>Reconversão produtiva</b>	Geração de atividades produtivas.

Quadro 1: Instrumento de pesquisa sobre as festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul

Fontes: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**, São Paulo: Cortez, 1980. DECRETO 3.551, de 4 de agosto de 2000, disponível em <http://www.iphan.gov.br>, acessado em 15/09/2005. DUARTE, Ana. **Educação patrimonial**. 2. ed. Lisboa: Texto Editora, 1994. MANIQUE, António Pedro; MARQUES DE MELO, José. **Comunicação Social: Teoria e Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1970. PROENÇA, Maria Cândida. **Didática da História: Patrimônio e história local**. Lisboa: Texto Editora, 1994. PROGRAMA Nacional do Patrimônio Imaterial, disponível em <http://www.iphan.gov.br>, acessado em 15/09/2005.

A metodologia usada para a produção de testemunhos orais será a da história oral<sup>3</sup>, através de entrevistas temáticas. Buscar-se-á entrevistar em cada cidade: festeiros; membros de Irmandades; memorialistas locais; membros de casas de culturas, arquivos históricos e museus; autoridades locais, entre outros. A documentação escrita e imagética compõe-se de: relatos de viajantes; documentação de Irmandades religiosas; documentação eclesiástica; matérias de jornais; fotografias; gravuras, entre outros. A utilização dos documentos (escritos e imagéticos)<sup>4</sup> requer a percepção de que são registros históricos, produtos de uma sociedade,

<sup>3</sup> Ver: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**, São Paulo: Ed. T A Queiroz, 1979. CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. 1v, 2v. Petrópolis: Vozes, 1990. ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza (orgs.). **Cultura oral e narrativas**. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 12, 1999. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998. PENNA, Rejane. **Fontes Oraís: avanços e perspectivas**. Porto Alegre, Edipucrs, 2005. PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**, nº 15, Abril/97, p. 13-50. SAMUEL Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**, vol. 9, nº 19. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, st., p. 219-243, 1989. THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

<sup>4</sup> Ver: LE GOFF (op. cit); DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. São Paulo: Papirus, 1996. ECKERT, Cornélia (org.). **Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia**. Porto Alegre, UFRGS, 1999. LEITE, Míriam Moreira. **Retratos de Família. Leituras de**

de suas tensões e conflitos, das relações de poder e, portanto, escritos com certa intencionalidade. Evidenciam olhares, valores e referenciais sociais e culturais. O historiador escolhe os documentos e estes, por sua vez lhe permitem efetuar uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época da sociedade que os produziram. Assim, o historiador anuncia uma versão, dentre tantas possíveis, sobre o passado, a partir das escolhas efetuadas (LE GOFF, [s.d.], p. 94-104).

## 1. O conceito de festa<sup>5</sup>

A festa é um fenômeno de natureza sócio-cultural e permeia toda a sociedade. Resgata, pondo em evidência, de tempos em tempos, o conteúdo humano que deve ser comemorado e celebrado. As festas são atos coletivos que rompem com o tempo regular (facilmente previsto), dando lugar, embora pontualmente, a um tempo novo (em parte ideal ou utópico). Em outras palavras, desorganizam o cotidiano (a racionalidade), permitindo que os indivíduos, agrupados e solidários interpretem um jogo no qual procuram quebrar as normas em uso, numa alegoria de regeneração da comunidade ou, ainda, que sejam seduzidos pelos poderes vigentes para sancionar a ordem estabelecida. Por outro lado pode ser a força aglutinadora dos cotidianos dispersos. Através da gênese das festas e das suas diversas recriações podem ser vistos os costumes, os símbolos, as crenças, os ritos, isto é, o humano em sua criação.

Além de serem parte da tradição, as festas devem ser vistas como estratégias de resistência às formas de controle impostas, como resultado de confrontos e negociações e como um refazer constante e coletivo da memória, na medida em que comunidades e grupos recolocam no presente, alguns acontecimentos que a compõem. O espaço da festa é, também, um espaço plural, permitindo a emergência de múltiplos mecanismos promotores de sociabilidade, bem como evidencia uma prática agregadora de valores que são exaltados sob o signo identitário dos participantes, que comungam os mesmos interesses e expectativas. As

---

**Fotografias Históricas.** São Paulo: Edusp, 1993. VIEIRA, M. P. A. et alli - **A pesquisa em história** São Paulo: Ática, 1991. WHELLING, Arno e WHELLING Maria José C.M. **Memória social e documento: uma abordagem interdisciplinar.** Rio de Janeiro: Uni-Rio, 1997.

<sup>5</sup>Ver: DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis.** Rio de Janeiro: Graal, 1980. DEL PRIORE, M. **Festas e utopias no Brasil colonial.** São Paulo: Brasiliense, 1994. DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. DUVIGNAND, J. **Fêtes et civilisations.** Paris: Weber, 1973. ITANI, Alice. **Festas e calendários.** São Paulo: UNESP, 2003. ISAMBERT, F. **Le sens du sacré.** Paris: Minuit, 1982. MORAES FILHO, M. **Festas e tradições populares no Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1999. THOMPSON, E. P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

festas têm valor político, pois conservam os traços do simbolismo presente na memória, assinalando a transmissão de costumes, as rupturas destes, como forma de resistência e a criação constante de outras formas de dominação, produzindo outros significados e expressões. Mesmo que controladas pelo Estado (calendários turísticos) e a Igreja (calendário litúrgico), são captadas pelo povo, que faz uso do seu sentido de construção, elaboração da identidade e solidariedade entre os diferentes, a ponto de fazer delas um modo de ação e participação particularmente marcante na história.

### 1.1 As festas como patrimônio imaterial<sup>6</sup>

De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela Unesco (17/10/2003), entende-se por Patrimônio Cultural Imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas — junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados — que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Considerar as festas como patrimônio imaterial, é reconhecer os seus significados específicos e o seu universo de sentidos em espaços historicamente datados. O inventário, a pesquisa e a sua divulgação, valorizam e colocam este patrimônio a serviço do presente, num trabalho de ativação da memória social, recuperando conexões e tramas perdidas, promovendo a sua apropriação pelas comunidades, reconstruindo e/ou reforçando identidades, auto-estima e capacitando pessoas para que não permitam a extinção de valores culturais.

### 1.2 As festas como processos comunicacionais

As formas de sociabilidade brasileira, desde o período de colonização são marcadas pelas trocas culturais, estando ambas estreitamente relacionadas à realização de festas. Estas, por sua vez são linguagens capazes de expressar simultaneamente múltiplos planos simbólicos. Indivíduos e grupos se comunicam através das festas. A identidade comunicacional das festas, neste trabalho, será caracterizada por um processo determinado por três fluxos convergentes (conforme Marques de Melo, 1970, p. 31-32).

---

<sup>6</sup> Ver: FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo:** trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997. GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda:** os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro:UFRJ, 1996. GUARNIERI, W. R. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos**, IBPC, Rio de Janeiro, n. 3, 1990. Legislação sobre patrimônio imaterial (ver Anexos A, B e C).

- a) Fluxo de comunicação interpessoal: produz comunhão grupal ou comunitária em torno de motivações socialmente relevantes.
- b) Fluxo de comunicação massiva: mobilização das relações entre os grupos e a coletividade, através das mediações propiciadas pelas indústrias midiáticas, em espaços geograficamente delimitados - locais, regionais, nacionais.
- c) Fluxo de intermediação comunicativa: articula relações institucionais. Instituições comunitárias decidem o que e como celebrar, e com que parceiros. Produz a interação entre as comunicações interpessoais e massivas.

## 2. Resultados iniciais da pesquisa sobre as festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul

### 2.1 Inventário das festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul

A partir dos primeiros dados levantados foi possível verificar algumas cidades do Rio Grande do Sul onde são realizadas as festas, objeto desta pesquisa.

Cidade	Período
São Lourenço do Sul	Maio
Gravataí	Maio
Mostardas	Maio
Criúva (Distrito de Caxias do Sul)	Maio
Vila Seca (Distrito de Caxias do Sul)	Maio
Porto Alegre	Maio
Jaguarão	Maio/Junho
Rio Grande	Maio
Santo Antônio da Patrulha	Maio/Junho
São Sepé	Junho

Quadro 2: Mapeamento das Festas do Espírito Santo no Rio Grande do Sul

Cidade	Período
Taquari	Final de Dez. a 06/Jan.
Canoas	Final de Dez. a 06/Jan.
Osório	Final de Dez. a 06/Jan.
Barão de Cotegipe (Sérvia)	Final de Dez. a 06/Jan.
Bento Gonçalves	Final de Dez. a 06/Jan.
Gravataí	Final de Dez. a 06/Jan.
Vera Cruz (Vale do Rio Pardo)	Final de Dez. a 06/Jan.
Rio Pardo	Final de Dez. a 06/Jan.
São Marcos	Final de Dez. a 06/Jan.
Criúva (Distrito de Caxias do Sul)	Final de Dez. a 06/Jan.

Quadro 3: Mapeamento dos Ternos de Reis no Rio Grande do Sul

### 2.2 As Festas do Espírito Santo: o exemplo de Jaguarão

Maria Cristina M. da Silva, coordenadora da Comunidade e da Paróquia do Divino Espírito Santo relata que a igreja foi construída em 1847 e que existem registros da festa há oitenta anos. Informa que é feito

...um grande evento aqui na praça, de bandas de musica e depois então é iniciada a novena do Espírito Santo e aí, por cada dia é uma comunidade, são movimentos da igreja, da cidade que participam, sempre cada dia é direcionada a um público, tem dias para os jovens, para a terceira idade, os comerciantes, para as pessoas que trabalham no campo, arroteiros, então cada dia a gente faz um dia da novena específico para aquele público [...] É da nossa cidade, não é uma festa da comunidade ou da paróquia, mas sim UMA FESTA DA CIDADE e geralmente o prefeito e as autoridades da cidade fazem parte dessa festa [...] é no salão paroquial a gente reúne todos e faz uma confraternização. Depois aqui nessa praça no lado das bandeiras onde nós nos encontramos agora, o município coloca banquinhas e cada comunidade faz, acontece uma grande quermesse, então cada um vai trazendo aquilo que fez durante o ano, a Pastoral da Saúde, os que ajudam os pobres, [...] as catequistas, então, trazem e vendem [...] é uma festa muito bonita... (Entrevista de Jan./2007)

Santos (1992), ao se manifestar sobre as festas do Espírito Santo, nos Açores, coloca que estas foram, na sua origem que remonta a Portugal continental e são, profundamente populares, com uma finalidade anarquista regeneradora. A sua teatralização pretende mostrar o caráter mágico do qual se reveste a abundância dos bens, o reconhecimento de funções e de papéis sociais, o reforço de solidariedades; e a intervenção em hierarquias, bem como no exercício de poderes estabelecidos.

No caso de Jaguarão, em tempo e espaço apropriados pela comunidade, é reforçada a prática de corrigir injustiças sociais, com a presença das entidades assistenciais, angariando fundos para seus trabalhos através do comércio de diversos produtos. A Igreja apropriou-se da festa popular, colocando regras e dispositivos, normatizando a sua realização, reafirmando, inclusive, a hierarquia social, ao estipular que as novenas fossem realizadas, separadamente, para públicos diferenciados. O próprio cortejo, parte integrante do ritual da festa, reflete a organização da sociedade jaguareense, dando-lhe sentido, codificando-a, difundindo-a e retroalimentando-a.

### **2.3 Terno de Reis em Canoas: a invenção de uma tradição**

Conforme o Sr. Adão, mestre da Associação Terno de Reis em Canoas,

Olha nós [membros da família fundadora] somos uma mistura [étnica]... lá pelo interior de Barros Cassal, que a gente é oriundo da roça, cantavam Reis pra lá. Quando a gente veio pra cá, pra Canoas [ocupação do antigo *Jockey Club*], depois passou anos a gente resolveu a resgatar que a gente trabalhava nas comunidades eclesiais de bases e teve um ano agora, não me lembro qual o ano que [o tema] era

culturas oprimidas, resgatando as culturas oprimidas e aí nós começamos a pensar [...] aí resolvemos fazer um grupo (Entrevista em novembro/2006)

A vinda do interior para a Região Metropolitana transformou o cotidiano da família Flores. Foi um tempo de luta pela moradia na ocupação da área do antigo Jockey na cidade de Canoas, enfrentando poderes constituídos e sofrendo diversos tipos de opressões. As raízes fundantes da identidade foram solapadas. No entanto, tempos idos foram iluminados pela memória e tradições foram reinventadas para ressignificar e dar sentido à vida na cidade. O Terno de Reis coloca-se como um ato de resistência de sujeitos sociais atingidos por práticas desintegradoras de experiências de vida.

### **Primeiras conclusões**

O estudo das festas não pode ser feito de modo estanque. Deve estar correlacionado com a vida cotidiana, suas rotinas, invenções, acomodações, adaptações e resistências, bem como aos contextos históricos de ocorrência.

Ao inventariar as festas percebe-se que em alguns dos municípios da *Região Açoriana*, as festas têm sido realizadas ao longo de 250 anos (de forma intermitente ou não), e em outros, agentes diferenciados buscam a sua retomada, após décadas sem ocorrência. Verifica-se, também, a tentativa de grupos de, por meio das festividades, conquistar a hegemonia cultural. De acordo com os enfrentamentos, mediações e negociações entre agentes socialmente desnivelados, são operados sentidos cujo conteúdo vai sendo alterado conjuntamente, sempre de acordo com a relação das forças em movimento.

### **Referências Bibliográficas**

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**, São Paulo: Cortez, 1980.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**, São Paulo: Ed. T A Queiroz, 1979.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. 1v, 2v. Petrópolis: Vozes, 1990.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

DECRETO 3.551, de 4 de agosto de 2000, disponível em <http://www.iphan.gov.br>, acessado em 15/09/2005.

- DEL PRIORE, M. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DUARTE, Ana. **Educação patrimonial**. 2. ed. Lisboa: Texto Editora, 1994.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. São Paulo: Papyrus, 1996.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. DUVIGNAND, J. **Fêtes et civilizations**. Paris: Weber, 1973.
- ECKERT, Cornélia (org.). **Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia**. Porto Alegre, UFRGS, 1999.
- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza (orgs.). Cultura oral e narrativas. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 12, 1999.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.
- GHISLENE, Maria Helena Peña. **Açorianos no Rio Grande do Sul: documentos interessantes**. Porto Alegre: Caravela, 1991.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro:UFRJ, 1996.
- GUARNIERI, W. R. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos**, IBPC, Rio de Janeiro, n. 3, 1990.
- ISAMBERT, F. **Le sens du sacré**. Paris: Minuit, 1982.
- ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.
- LE GOFF, Jacques. Documento-Monumento. **Enciclopédia Einaudi**, v.1: Memória – História, p.94-104.
- LEITE, Míriam Moreira. **Retratos de Família. Leituras de Fotografias Históricas**. São Paulo: Edusp, 1993.
- MANIQUE, António Pedro; MARQUES DE MELO, José. **Comunicação Social: Teoria e Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- MARQUES DE MELO, José. **Comunicação Social: Teoria e Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- MARQUES, Lilian Argentina B. e outros. **Rio Grande do Sul: aspectos do folclore**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1992, p. 118-121.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- MEYER, Augusto. **Guia do folclore gaúcho**. 2. ed. Rio de Janeiro: INL-MEC-IEL, 1975, p. 66-74.
- MORAES FILHO, M. **Festas e tradições populares no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.
- PENNA, Rejane. **Fontes Oraís: avanços e perspectivas**. Porto Alegre, Edipucrs, 2005.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**, nº 15, Abril/97, p. 13-50.
- PROENÇA, Maria Cândida. **Didáctica da História: Patrimônio e história local**. Lisboa: Texto Editora, 1994.

PROGRAMA Nacional do Patrimônio Imaterial, disponível em <http://www.iphan.gov.br>, acessado em 15/09/2005.

SAMUEL Raphael. História local e história oral. Revista Brasileira de História, vol. 9, nº 19. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, st., p. 219-243, 1989.

SANTOS, João Marinho dos. As funções da festa. In: MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Ilha Terceira (Açores): Serafim Silva, 1992.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VIEIRA, M. P. A. et alli - **A pesquisa em história** São Paulo: Ática, 1991.

WHELLING, Arno e WHELLING Maria José C.M. **Memória social e documento: uma abordagem interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Uni-Rio, 1997.

### **Fontes**

Entrevista com Maria Cristina M. da Silva, Coordenadora da Paróquia do Divino Espírito Santo Jaguarão, janeiro/2007.

Entrevista com Adão Flores. Mestre do Terno de Reis da Vila Santo Operário, Canoas. Novembro/2007.

MELO, Itamar; NASCIMENTO, Solano. Tudo em Santo Antônio lembra os Açores. In: **Zero Hora**, 3 de setembro de 1996.